

Dona Maria Valdina da Conceição, 61 anos, diz que morava em uma cidade de Minas Gerais e que tem 44 anos. Não sabe por onde andam seus filhos, nem seus nomes, o que a trouxe para Vitória ou se se alimentou no dia anterior. A única recordação mais grata que traz da vida é o fato de o marido ter sido violonista, "andado por aí".

Pedrolina Garcia nasceu em Domingos Martins, sofre "dos nervos" e tem dois filhos: um continua na sua cidade de origem, enquanto o outro trabalha na localidade de Boa Sorte, município de Afonso Cláudio. Os familiares de Pedrolina também moram em Domingos Martins, mas não a querem de volta à casa: "São muito pobres e não poderiam ficar comigo", argumenta a mulher que, aos 53 anos, prefere lembrar dos tempos em que fazia a colheita do feijão na roça do pai e levava o produto para na cidade vendê-lo.

A única recordação que Yolanda Nunes, 60 anos, tem da vida é o fato de ter morado em Bela Aurora. Seu maior sonho é voltar para casa e colocar o feijão no fogo para depois arrumar a casa. Insiste em dizer que tem dois tios ("Rita e Orlando") que moram em Jardim da Penha. "Já fui uma vez à casa deles. De lá dá pra ver o mar".

Maria, Pedrolina e Yolanda se encontraram pela primeira vez no Centro de Ajustamento Social, em São Sebastião, quando então passaram a dividir o dormitório com mais algumas mulheres. A entidade é ligada à Secretaria de Bem-Estar Social (Sebs) e tem por finalidade dar abrigo aos mendigos espalhados pelas ruas da Grande Vitória que não têm para onde ir porque não sabem de onde vieram. Sem nenhuma aspiração na vida, esses mendigos — que as assistentes sociais preferem rotular de "homem da rua" (e as mulheres?) — ficam apenas na expectativa de que algum parente se lembre deles e venha buscá-los.

Os clientes do Centro de Ajustamento



Maria Silvia: a luta contra o ócio dos internos

interno que não quer voltar para sua família. Sem dúvida, nesse caso, há algum antecedente do pai para o filho ou vice-versa ou mesmo com a mulher, assim essa rejeição é forçada. Então, o paciente reluta em retornar porque sabe que não será bem aceito.

Uma das características mais marcantes do interno é a ociosidade. Acostumado a ficar perambulando de um lado para outro no meio da rua, sem compromisso com nada, quando chega ao Centro de Ajustamento e tem que seguir determinados regulamentos, ele geralmente se rebela.

Ao lado do Centro de Ajustamento, por exemplo, funciona uma horta, mas os internos nunca estão dispostos a dar sua contribuição, mesmo sabendo que aquilo está sendo desenvolvido para seu benefício. As assistentes sociais, então, tentam "trocar figurinhas": se você me ajudar, eu lhe dou isso ou aquilo.

foram contratados estagiários de educação física, serviço social, psicologia e enfermagem.

Silvia Alves não esconde que esse pequeno grupo de profissionais não atende às necessidades do Centro de Ajustamento Social. "Nós sentimos falta, por exemplo, de um profissional da área de saúde como uma enfermeira e também médicos que atuassem diretamente junto aos nossos pacientes. Um psicólogo também seria de vital importância para o desenvolvimento de nosso trabalho".

Fora isso, acha imprescindível a contratação de pessoal para a limpeza e para a própria administração. A estrutura física do Centro de Ajustamento também está em obras. Apesar de só ter 16 internos, a entidade tem condição de receber mais 24 pessoas.

No momento, porém, um dos alojamentos foi desativado. Assim, um único alojamento foi dividido para abrigar os

mulheres?) — ficam apenas na expectativa de que algum parente se lembre deles e venha buscá-los.

Os clientes do Centro de Ajustamento Social, quando não são recolhidos na rua, são levados por familiares ou chegam até ali espontaneamente. Há dois anos, a Sebs mantinha um serviço de recolhimento dos mendigos, mas hoje, além da falta de estrutura para manter esse serviço, a Secretaria de Bem-Estar Social chegou à conclusão de que esse tipo de trabalho não é de sua competência.

O cliente, quando bate à porta do Centro de Ajustamento Social, geralmente está com problemas de subnutrição e com distúrbios mentais. Dessa maneira, a assistência médica se torna imprescindível. Associado a isso, há o cuidado com a parte de alimentação e higiene:

“Somente numa segunda fase é que a gente começa a conversar com o interno, tentando entrar um pouco em sua vida. Nós temos por objetivo, nesse bate-papo, procurar descobrir algum ponto de referência que nos leve a um local de origem ou de trabalho. Esse é o ponto básico: a localização de um familiar”.

A explicação é da diretora do Centro de Ajustamento Social, Maria Silvia Alves de Almeida, que também é assistente social. Muitas vezes, porém, os familiares do interno não são encontrados: “Temos clientes aqui desde 1979”. Existe também o caso de familiares que não querem aceitar de volta seu parente:

— Ultimamente, nós temos feito um trabalho junto aos familiares para que aceitem de volta o cliente. Temos contado, inclusive, com a ajuda de uma psiquiatra social. As vezes, no entanto, é o próprio

do desenvolvido para seu benefício. As assistentes sociais, então, tentam “trocar figurinhas”: se você me ajudar, eu lhe dou isso ou aquilo.

Alguns pacientes chegam a afirmar que preferem continuar na rua, onde comem melhor e arranjam dinheiro para o fumo e para a bebida com mais facilidade. A diretoria do Centro deixa claro que essa opção pode ser feita por qualquer paciente:

— Nossos portões estão sempre abertos. Acho que ninguém pode obrigar as pessoas a se institucionalizarem. Seria importante que os pacientes que permanecessem aqui retribuíssem de alguma forma a permanência deles no centro. A gente também gostaria que, de certa forma, saíssem desse ócio, para que, quando tivessem a oportunidade de voltar à comunidade, se reintegrassem a ela sem maiores problemas.

Mas uma coisa é certa: somente aqueles que estão predispostos a uma recuperação é que poderão ter nova chance na comunidade. Uma outra barreira que os internos encontram pela frente é a medicação forte a que têm que se submeter, já que a maioria apresenta problemas mentais. Dessa maneira, os profissionais que lidam com os internos têm que ter a habilidade de não exigir absolutamente nada de seus pacientes, mas sempre sugerir que façam ou cumpram determinadas tarefas.

Para cuidar dos 16 internos do Centro de Ajustamento Social, na sua maioria pacientes do sexo masculino, existem seis assistentes sociais, dois dentistas e uma psiquiatra social, que faz uma voluntária prestação de serviços. Há um mês é que

mais 27 pessoas. No momento, porém, um dos alojamentos foi desativado. Assim, um único alojamento foi dividido para abrigar os internos masculinos e femininos. A cozinha apresenta algumas goteiras, e, no quintal, o sistema de esgoto está vazando por todos os lados. As prefeituras da Serra e de Vitória já foram comunicadas sobre o problema, mas a situação permanece inalterada.

A estatística anual de 83 apontou que apenas 28 por cento dos internos no Centro de Ajustamento Social eram do Estado, o restante vinha do sul da Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro, sempre com a predominância do sexo masculino. A maioria que vinha para o Estado sentia atraída pelos grandes projetos industriais de Vitória, como os da CST e do Civit. Com o fim das obras, as empreiteiras começaram a dispensar seus empregados, com isso a miséria foi ampliada sensivelmente.

Dos 16 internos no Centro de Ajustamento Social da Sebs, oito ainda procuram por seus familiares, na esperança de que possam retornar finalmente para suas casas. São eles: Maria Carolina Resende, Sebastião Bernardo Salles, Maria Valdina da Conceição, Maria José Rodrigues, Yolanda Nunes, Marlene Pereira Benedito, Maria da Penha Pires ou Thereza Jesus e Célia dos Santos Nascimento. Quem souber do paradeiro dos familiares dessas pessoas deve comunicar o fato ao Centro de Ajustamento Social, pelo telefone 228.0004.

ALVARO MUNIZ



Pedrolina, Maria Valdina e Yolanda: o sonho de um dia voltar para casa